

AS TRANSFORMAÇÕES DO CONCEITO DE SEGURANÇA EM DETRIMENTO DAS ALTERAÇÕES DO SISTEMA INTERNACIONAL: UMA VISÃO SOBRE A SEGURANÇA COMUNITÁRIA

José Fernando Chapran Do Nascimento¹

Resumo:

O conceito de segurança passou por uma série de modificações ao longo do tempo. Uma dessas, a mudança da visão realista de segurança, focada no poder e na força militar, para a visão estabelecida pela PNUD, segurança humana, que tem o objetivo de extinguir todas as ameaças contra a vida, que surgem com as novas relações estabelecidas no sistema internacional, como, a fome, a degradação do meio ambiente, as doenças de escala mundial, os conflitos étnicos, genocídios, fundamentalismo religioso, entre outras. A nova visão de segurança é dividida em sete dimensões, uma dessas dimensões é a Segurança Comunitária, que tem como desígnio fazer com que os grupos e os indivíduos estejam livres e protegidos para manifestar as suas identidades culturais, identidades dos grupos, e valores em união, afastando as ameaças e prevenindo os conflitos étnicos. O intento desse artigo é abordar a respeito dessa transição em relação ao conceito de segurança, tendo como divisor de águas a Guerra fria, que marcou a queda das percepções realistas sobre a mesma e, posteriormente, conceituar sobre a importância da segurança comunitária como dimensão da segurança humana, se utilizando de exemplos de conflitos étnicos e das definições sobre a etnicidade e identidade na construção do indivíduo. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi a qualitativa de caráter descritivo bibliográfico, portanto, nos fundamentamos em Williams (2007), Castells (1999), Nogueira e Messari (2005). Concluindo que a segurança comunitária exerce um papel de manutenção da etnicidade e das diferenças humanas, em um mundo onde as complexidades das relações ligadas à globalização dos meios, podem levar a destruição das mesmas. Tais novas ameaças a vida humana tornaram necessárias novas abordagens sobre a questão de segurança, pois segurança, antes de ser para os Estados, precisa ser para os seus indivíduos.

Palavras-chave: Segurança; Segurança Humana; Segurança Comunitária; Etnicidade.

Abstract

The concept of security went through a series of changes over the time. One of those, The change of the realist vision of security, focused on power and military force, for the vision established by UNDP, Human security, which has the purpose to extinguish all threats against life, that emerge from the new relationships settled in the international system, such as hunger, environmental degradation, diseases on a

¹ Graduando em Relações Internacionais.

global scales, ethnic conflicts, genocides, fundamentalism, and so forth. The new conception of security is divided into seven dimensions, one of these is the Community Safety and Security, which has the aims to make groups and individuals free and protected to manifest their cultural identities, group identities, and values united, removing threats and preventing ethnic conflicts. The intent of this article it is to discuss this transition related to the concept of security, by having the Cold War as a turning point, which marked the fall of realists perceptions about security, and then conceptualize the importance of Community Safety and Security as a human security dimension, Using examples of ethnic conflicts and the definitions of ethnicity and identity in the construction of the human being. The methodology used for the accomplishment of this research was the qualitative with descriptive bibliographic character, accordingly, based on Williams (2007), Castells (1999), Nogueira and Messari (2005). Concluding that Community safety and security plays a role of maintenance of ethnicity and the human differences, In a world where the complexities of relationships linked to the globalization can lead to their destruction. Such new threats to human life made necessary the creation of new approaches to the issue of security, since security, before being for the States, must be for their Individuals.

Keywords: Security; Human security; Community security; Ethnicity.

Introdução

A interação dos Estados dentro do sistema internacional e o questionamento sobre o que os mesmos buscam, sempre foram assuntos estudados e tratados com frequência nas relações internacionais. Em todo esse vasto mundo de estudos, as escolas do pensamento tendiam a perpetrar suas alegações com base nos mesmos pontos chave: poder, anarquia, atores internacionais, sobrevivência, segurança.

Com as inúmeras mudanças presentes no sistema internacional, as formas de abordar e conceituar tais temas também sofreu modificações. Todavia, apesar das transformações, o anseio para encontrar a sua definição continua presente no mundo acadêmico e físico até a atualidade e é passível a alterações, assim como o sistema em si.

A segurança, como um desses pontos, passou por inúmeras transformações em relação a sua definição dentro das relações internacionais. A busca da mesma e o uso desta são pontos de grandes transformações nas relações entre os Estados. Segundo o dicionário Aurélio, segurança significa: Conjunto das ações e dos recursos utilizados para proteger algo ou alguém; O que serve para diminuir os riscos ou os perigos; Aquilo que serve de base ou que dá estabilidade ou apoio. De certa forma, tais orações simples de definição podem ser colocadas em esfera

global e inseridas no estudo da segurança como ponto a ser alcançado nas relações internacionais, mas dentro dos mesmos a definição de segurança não é tão simples de ser encontrada, por ser discutida de formas diferentes e em outros contextos.

Muitos dos estudos sobre segurança definem a mesma como uma forma de acabar com as ameaças. Definição que está diretamente ligada a outro ponto chave que os Estados buscam, o poder. Esses estudos foram estabelecidos em momentos singulares do contexto internacional e por certo tempo e período foram utilizados, mas cada Escola dos Estudos das RI, tinha uma visão diferenciada do que viria ser segurança em um contexto global. De forma resumida, segurança significa coisas diferentes para pessoas diferentes (WILLIAMS, 2008).

Díspares debates foram realizados sobre qual seria o conceito de segurança que, como ficou estabelecido pelos realistas, estaria ligada ao poder e à força armada. O período de guerra fria trouxe mudanças expressivas para essa definição. O mesmo ficou marcado como sendo o momento de queda de muitas concepções estabelecidas pela escola realista.

Inúmeros autores estabeleceram trabalhos acadêmicos com o intento de conceituar a segurança dentro desses novos parâmetros deixados pelo fim da bipolaridade e o aparecimento de novos atores nas relações mundiais e de novos fenômenos, como, a interdependência e a globalização.

Todas essas alterações, criando ameaças para as sociedades, como, os problemas ambientais, desemprego, fome, doenças, conflitos étnicos, genocídios, fundamentalismo religioso, dentre outros. Com isso, o conceito de segurança devia estar vinculado a cada uma dessas novas ameaças. E é com esse intento que a PNUD desenvolve o conceito de segurança humana, concentrado na proteção das pessoas e dos meios e sub-temas dos quais elas dependem. Fazendo com que o principio de segurança deixasse de ser ligado ao poder e passasse a ser ligado ao indivíduo, em sete dimensões da mesma, que serão abordadas a seguir.

1. Segurança Pré Guerra Fria, visão dos realistas

No início da percepção sobre segurança, sua definição estava ligada aos princípios da escola realista, sobre o hedge de uma antropologia negativa² do homem, onde o sistema internacional é anárquico e essa anarquia é permanente, e

² Homem egoísta e mal.

a névoa que percorre o sistema é a guerra ou a ameaça de guerra. Com todo esse enredo realista, a definição da mesma era imersa na guerra e no poder.

Poder que era entendido por Morgenthau como qualquer coisa que determine e mantenham o controle do homem sobre o homem e aborda todas as relações sócias que servem para estes fins. Para outros autores, como Waltz, seria a capacidade de influenciar o sistema internacional mais do que ser influenciado por ele. O mesmo não só determina o comportamento dos atores estatais, que segundo os realistas é condicionado pela busca do poder, mas também é uma característica inerente deles. E por esse principio, a única relação estabelecida pelos Estados seria a de autoajuda³.

Para os realistas, os Estados buscavam o poder e a sobrevivência e essa busca poderia ser alcançada de todas as formas possíveis, por isso, que os mesmos pregavam uma política ligada assiduamente à força militar e a os seus recursos, e isso tem como resultado um cenário banhado no conflito e na ameaça.

Assim, conclui-se que para os realistas a segurança dos Estados vai depender exclusivamente do uso dos recursos militares e da força. Estando diretamente ligados, o poder militar e a segurança, quanto maior a capacidade militar mais seguro o Estado estará perante ao cenário anárquico no âmbito internacional. A definição de segurança então seria acabar com todas as ameaças contra os Estados, em outras palavras, estar pronto para que essa ameaça de guerra deixe de ser ameaça e se torne guerra de fato.

Outro ponto que vale ser destacado dentro dos estudos realistas em relação à segurança seria a visão dos temas que preenchem a agenda internacional dos Estados soberanos. Os realistas colocam os assuntos ligados à segurança, no que ficou conhecido como High Politics, que seriam os temas considerados de maior importância pelos atores internacionais⁴ dentro da agenda, que poderiam ser exemplificados como questões de segurança e interesses estratégicos. Todos os assuntos que não fossem encarados de tal forma seriam classificados de Low

³ Onde os Estados buscam somente os seus interesses. Nenhum Estado pode contar com o outro para defender seus interesses e sua sobrevivência.

⁴ Para os Realistas: Aqueles que têm características estatais (Soberania, Monopólio legítimo de força, autonomia em questões políticas e econômicas, população e território). O Estado é o ator central das relações internacionais.

Politics, a exemplo de: meio ambiente, saúde, direitos humanos. Com os acontecimentos futuros dentro do sistema, essa divisão viria a se tornar mais difusa.

Esses princípios Realistas de segurança são mantidos até certo ponto e esse ponto foi a Guerra Fria, conflito que ficou marcado pela bipolaridade mundial e a disputa pela hegemonia política, econômica e militar no mundo entre os EUA e a União Soviética, que viria transformar o âmbito internacional de formas significativas durante e depois do seu fim.

2. Segurança pós Guerra Fria

O período conhecido como pós Guerra Fria foi marcado pela queda da visão realista e neorealista sobre segurança, que, como falado anteriormente, estava ligada ao poder. As mudanças ocorridas no cenário internacional fizeram necessárias que as definições do que seria segurança passassem por uma reformulação.

O Estado deixou de ser o único ator no âmbito internacional, outras entidades e corporações como as instituições internacionais, as organizações não-governamentais, as empresas transnacionais, entre outros, passam a exercer influência dentro do mesmo; A cooperação passa a se tornar presente entre esses novos atores. O avanço do comércio, uma Mundialização⁵ (CHESNAIS, 1998) e uma cooperação econômica seriam enxergados como uma forma de tornar os conflitos irrelevantes, como acreditavam alguns autores.

Outros assuntos começam a entrar em pauta e tomar relevância dentro da agenda internacional, mostrando que por mais que existisse uma cooperação, os conflitos não deixariam de existir. Os conflitos étnicos passam a ganhar força, como exemplo, os conflitos causados pela desintegração da Iugoslávia em 1990; o fundamentalismo religioso no Oriente Médio, que desencadeia no terrorismo; o tráfico de drogas nas Américas. Todos esses assuntos manchando as barreiras estabelecidas pelos realistas sobre High e Low Politics.

O Mundo havia se tornado um conglomerado de cooperações banhadas nos múltiplos atores e em temas que iam além do poder e da força militar. Em outras palavras, o princípio de autoajuda passa a ser de cooperação, a singularidade de autores passa a ser pluralidade, e os temas da agenda deixam de focar só no poder

⁵ Aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política.

para focar em outros aspectos que modificam a vida dos indivíduos dentro do Estado.

Todas essas alterações perpetraram a necessidade de reformular a definição de segurança para que a mesma abordasse cada um desses novos tópicos. Para os acadêmicos essa necessidade estava ligada a uma forma de tentar acabar com as novas ameaças dentro das nações e do sistema, ameaças causadas por essas mudanças e essa nova gama de cooperações e atores, como, o terrorismo, a destruição do meio ambiente, a pobreza, a fome e etc.

Com esses aspectos, a definição de segurança precisaria levar em consideração todos esses novos princípios. Barry Buzan⁶, no seu livro *People, States and Fear* começa a argumentar que a segurança não poderia estar vinculada só para os Estados, mas para todas as coletividades humanas e não poderia está ligada simplesmente à defesa militar, mas também a todas as complexidades do novo mundo interdependente.

Em seu trabalho, Buzan (1983) alegou que a segurança das coletividades humanas poderia ser afetada em cinco setores, sendo eles: militar, político, econômico, social e do meio ambiente. O primeiro, ligado à preocupação da ofensiva armada e às capacidades de defesa e à percepção sobre as intenções dos Estados; o político, focado na estabilidade organizacional dos Estados, sistemas de governo e nas ideologias que lhe dão legitimidade; o econômico, fontes, finanças e o que for necessário para sustentar o *welfare and safe Power*; No social, centrado na sustentabilidade e evolução de padrões tradicionais de língua, cultura e etc; o ambiental, preocupação com a manutenção da biosfera planetária e apoio ao sistema que todas as vidas humanas dependem.

Essas alegações deixaram claro que as relações entre os Estados são só um dos pontos dentro da questão de segurança, os Estados não são os únicos atores importantes. E para se entender a segurança se torna imprescindível uma busca por outras disciplinas, além das escolas das RIs, pois para se discutir e entender um ponto como o terrorismo, por exemplo, torna-se necessário estar embasado e mergulhado em outras áreas do conhecimento.

As afirmações de Buzan levavam em consideração as novas ameaças para a segurança dos Estados que estavam ligadas aos indivíduos. Tais pontos fazem com

⁶ Professor emeritus de Relações Internacionais na London School of Economics e professor honorário na University of Copenhagen.

que fique evidente que a definição de segurança pode passar por modificações de forma recorrente, e que em determinado momento qualquer tema estabelecido dentro das agendas internacionais podem ser considerados como ameaças à segurança, fazendo com que seja necessário que fique evidente até onde determinado tema pode ser considerado como tal.

Os Estados precisam estar preparados para evidenciar quando determinado tema pode ser abordado por outra terminologia, desligando-o da agenda direcionada para a segurança. Tudo isso causado pela dificuldade para delimitar os sujeitos nas relações internacionais, devido à pluralidade dos mesmos, e às difusões entre os temas das agendas.

3. Segurança Humana

Com todas essas transformações no cenário internacional e o surgimento de novas ameaças que modificaram todo o enredo acadêmico, científico e social, e a incapacidade do conceito de segurança com foco na defesa, a definição de segurança ficaria ligada ao um novo foco que seria a proteção aos indivíduos e o combate a todas as ameaças contra o mesmo. Em 1990, o PNDU⁷ estabelece um conceito para segurança ligado a esse princípio de paz e acolhimento ao indivíduo, que aborda muitos dos temas inseridos nas agendas internacionais, o conceito de segurança humana, concentrado na proteção das pessoas e dos meios e sub-temas dos quais elas dependem. Esse conceito foi inspirado no trabalho do Mahbub ul Haq⁸ quando ele liderava a equipe do Relatório de Desenvolvimento Humano.

O PNUD é o órgão da Organização das Nações Unidas que tem por objetivo promover o desenvolvimento e eliminar a pobreza no mundo. Entre outras atividades, o mesmo produz relatórios e estudos sobre o desenvolvimento humano sustentável e as condições de vida das populações, e também executa projetos que contribuam para melhorar as condições de vida. O órgão está presente em 166 países do mundo, colaborando com governos, a iniciativa privada e com a sociedade civil para ajudar as pessoas a construírem uma vida mais digna.

Com esse princípio, o referencial de segurança deixa de ser o Estado e passa a ser o indivíduo, tornando-a mais humana, centrada no bem-estar dos povos e

⁷ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

⁸ Renomado economista paquistanês, pioneiro da Teoria do desenvolvimento humano. 1934-1998

beneficiando os mesmos com a igualdade de oportunidades de gozar todos os seus direitos e de desenvolver plenamente o seu potencial humano.

A mesma também incorpora a segurança econômica, alimentar, no acesso a cuidados de saúde, ambiental, pessoal, comunitária e política. Essa junção entre tais temas e a segurança fazem com que os mesmos venham ser mais discutidos e recebam a devida importância, não só pela incorporação, mas por fazerem parte da própria. Cada uma dessas áreas é conceituada de formas distintas, abordando os limites básicos e necessários de cada uma.

A segurança econômica teria como objetivo: garantir o ingresso básico em um trabalho produtivo e remunerado. A alimentar: permitir acesso aos alimentos básicos. A da saúde: promover atendimento digno aos indivíduos, a PNUD afirma que a população pobre sofre por doenças que podem ser tratadas de formas simples. A ambiental: Tratar sobre as ameaças do desmatamento e uso exacerbado dos recursos naturais. A pessoal: A luta contra qualquer violência física. A política: Uma afirmação de que as pessoas precisam viver em uma sociedade que respeite seus direitos humanos fundamentais. E a segurança comunitária que será discutida a seguir.

Segurança, então, seria a luta contra qualquer ameaça à vida humana e à preservação de todos os âmbitos dos quais a vida humana necessita, embasada nos direitos individuais, garantindo proteção, saúde, alimentação, preservação do meio, preservação cultural e étnica, bem como a defesa dos direitos humanos básicos e a democracia, contra qualquer tipo de violência. Fazendo com que um indivíduo seguro forme um Estado seguro.

Nessa percepção, focaremos nesse trabalho, na definição de segurança comunitária, com o intento de argumentar a necessidade de focar a segurança em vários nichos humanos. Preservando cada âmbito e o direito de uma vivência plena e livre de ameaças, freedom from fear e freedom from want.

3.1. Segurança comunitária

Esse nicho da segurança humanitária está ligado às tradições, às crenças, ao pertencimento a determinado grupo social, a identificação do indivíduo dentro das estruturas das sociedades, a forma com que o mesmo se enxerga. Todos esses termos ligados à etnicidade e à identidade.

A etnicidade se refere a uma cultura e estilo de vida comuns. O termo surge na França no início do século XX. Sua definição inicial refere-se a um tipo de solidariedade particular, laços de língua e cultura. Este conceito foi resultado de uma invenção dos países colonizadores para descrever os povos dominados, levando em consideração suas especificações e diferenças. “A etnicidade é a autoconsciência da especificidade cultural e social de um grupo particular, ou seja, o fato de se pertencer a um grupo culturalmente ligado.” (RIESMAN, 1951)

A etnicidade nada mais é do que as características em comum encontradas dentro das sociedades, o idioma, vestimenta, religiões ou adorno, tudo que estiver ligado a cultura e as formas com que os indivíduos de determinado grupo vivem dentro da sociedade.

O conceito de identidade está inserido dentro dessas percepções sobre a etnicidade, a mesma é o conjunto dessas características étnicas e a forma com que o indivíduo se aplica e se enxerga como pertencente de determinado grupo étnico.

“Identidade é a fonte de significado e experiência de um povo, com base em atributos culturais relacionados que prevalecem sobre outras fontes. A construção da identidade depende da matéria prima proveniente da cultura obtida, processada e reorganizada de acordo com a sociedade.” (CASTELLS, 1990)

Com essas explicações sobre a definição de cada uma dessas palavras, fica evidente que com a crescente modificação global muitas culturas e grupos étnicos foram expurgados da nossa sociedade atual. Por mais inacreditável que se possa parecer em toda grande transição, transformação que venha acontecer no âmbito nacional e internacional, algum grupo étnico irá sofrer certa forma de represália e ao mesmo tempo ocorrerá a formação de outros.

Manuel Castells ⁹no seu livro, O poder da Identidade (1990) trata a respeito de muitas dessas transições, falando sobre muitos desses tópicos que foram inseridos como ameaças a segurança, como: o fundamentalismo religioso, o terrorismo, as Milícias armadas nos EUA, a globalização, o nacionalismo exacerbado. Tratando da forma como esses tiveram reações dentro da noção sobre

⁹ Doutor em sociologia pela Universidade de Paris, professor nas áreas de sociologia, comunicação e planejamento urbano e regional e pesquisador dos efeitos da informação sobre a economia, a cultura e a sociedade em geral.

a identidade e o pertencimento, tentando reformular essas características formadas por tais “novos” grupos ou a reafirmação de grupos antigos.

O autor estabelece três novas nomenclaturas com o intento de determinar sobre tais grupos dentro de uma perspectiva de identidade na sociedade. Identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto.

- Identidade legitimadora: introduzida pelos dominantes para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais;
- Identidade de resistência: criada por atores contrários a dominação atual, criando resistências com princípios diferentes ou opostos a sociedade;
- Identidade de projeto: quando os atores, usando a comunicação, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade.

Para o autor, cada um desses novos tópicos tem força na sociedade por estarem submersos nas características em comum de cada grupo, no caso das milícias, por exemplo, cada membro acreditava que o governo americano estava submisso a nova ordem mundial que tiraria do povo o direito sobre a terra, sobre a religião, sobre a vida, destruiria o american way of life. Embebidos nessas teorias conspiradoras os americanos, passaram a criar grupos, formados em sua maioria por homens, brancos, e heteros, formando nichos que foram encarados pelo autor como sendo uma espécie de identidade de resistência contra tal nova ordem mundial. Nesse meio termo esses grupos iam de encontro com outros grupos e nichos que já tentavam, há tempos, estabelecerem suas abordagens e lutavam contra as estruturas da sociedade; Grupos como, o movimento negro e o movimento feminista.

Por outro lado, sem a perspectiva de criação e surgimento, perspectiva que ligava os indivíduos por causa das suas características ideológicas, muitas identidades e grupos étnicos não foram formados por uma nova ordem mundial ou por um grau de represaria imaginária. Muitos grupos existiam há anos, quem sabe mais tempo do que a existência de tais palavras para defini-los, e com características mais fortes e marcantes que uma simples ideologia. E com essas recorrentes mudanças no cenário, sem levar em consideração os mesmos, deixaram de existir e deixam até os dias atuais.

Inúmeros grupos foram suplantados pelas colonizações, pela indiferença, pelo desejo de possuir a terra, pela maximização do eu, da superioridade. Como os

grupos indígenas, Caéte, Tupinambá, Anápuaka no Brasil; Cheyennes, Hunkpapa nos Estados Unidos e outros exemplos em muitas partes do globo. Grupos destruídos pela interferência em assuntos nacionais, destruídos pelos próprios Estados com o intuito de promover a chamada limpeza étnica¹⁰. Muitos grupos destruídos por causa dos conflitos étnicos.

Alguns dos chamados conflitos étnicos são marcados pelo desejo de emancipação e independência de alguns povos. Dentro dos anos são possíveis de serem encontrados inúmeros exemplos em várias partes do globo. O conflito sangrento entre os hútus e tutsi, Na Ruanda e Burundi; O conflito de Darfur no Sudão. O Conflito na região da Caxemira; A questão dos Curdos, que são conhecidos como a maior nação sem pátria e que são um grupo étnico estritamente grande e estão localizados em diversas regiões.

Esse primeiro, entre os Hútus e Tutsi, marcou o cenário das relações internacionais. O mesmo foi formado pela distinção entre os dois grupos e acentuado pelas escolhas imperialistas sobre qual dos grupos ficaria no poder e exerceria um patamar de superioridade sobre o outro, princípio de superioridade marcado pelas diferenças étnicas e físicas entre os mesmos. Inúmeros historiadores alegam que antes dessa interferência externa, as duas etnias conviviam sem discórdia e compartilhavam a mesma língua. Com o fim da dominação Bélgica na região, o ódio entre as duas etnias transformou aquela região em uma bomba-relógio. Todo esse enredo culminou em uma onda de ataques que provocou a morte de 800 mil pessoas de etnia tutsi, e ficou conhecido como o genocídio de Ruanda, com quase total devastação de uma etnia.

Os conflitos estabelecidos por causa dos movimentos separatistas, como no caso da Desintegração da Iugoslávia, que se iniciou com o fim da segunda guerra e o crescimento do sentimento nacionalista e das rivalidades étnico-religiosas entre as seis repúblicas, levou a um processo de limpeza étnica, mas precisamente no conflito conhecido como a guerra da Bósnia. Limpeza étnica que ficou marcada com a expulsão dos não sérvios, massacre de civis, prisão da população de outras etnias, com a intimidação, morte de grupos étnicos indesejáveis, assim como a destruição dos restos físicos dos grupos étnicos, como locais de culto, cemitérios e edifícios culturais e históricos.

¹⁰ Remoção ou eliminação de determinados grupos étnicos numa região, com o objetivo de torná-la etnicamente homogênea.

Outras limpezas étnicas acontecem recentemente. Segundo a Anistia Internacional,¹¹ o Estado Islâmico tem realizado limpezas étnicas em uma escala histórica no norte do Iraque, tendo como alvo minorias étnicas e religiosas, matando ou seqüestrando milhares de pessoas.

Ethnic and religious minorities – Assyrian Christians, Turkmen Shi'a, Shabak Shi'a, Yezidis, Kakai and Sabeen Mandaean – have lived together in the Nineveh province, much of it now under IS control, for centuries. Today, only those who were unable to flee when IS fighters seized the area remain trapped there, under threat of death if they do not convert to Islam. (Anistia Internacional, 2014)

Esses exemplos abordados acima são encarados pela PNDU como algumas das novas ameaças à segurança humana assim, como, crescimento populacional descontrolado, desigualdades econômicas, migração internacional, degradação ambiental, produção e tráfico de drogas, e o terrorismo internacional.

Comprovando a necessidade de se reconfigurar as agendas internacionais e colar os assuntos relacionados aos indivíduos dentro dos High Politics. O objetivo da segurança humana é intuitivamente esse, tirar a segurança do nicho do poder e da corrida armamentista, e focar na relação dos indivíduos, deixando-os livres dos perigos e incertezas. Evitando que novos casos como esses voltem a aparecer ou continuem acontecendo. Pois as ameaças antes de serem problemas para os Estados, são problemas para os cidadãos.

A crença da PNUD na segurança comunitária está em que a maior parte dos indivíduos consegue a sua segurança na participação em um grupo, na família, comunidade, organização, grupo étnico, ou seja, dentro das características onde esse indivíduo se vê inserido e pertencente. A busca da mesma é fazer com que os grupos e os indivíduos estejam livres e protegidos para manifestar as suas identidades culturais, identidades dos grupos, e valores em união.

Dentro desse objetivo a segurança comunitária teria como foco a preservação cultural, a manutenção do ambiente seguro para que os indivíduos possam manifestar seus valores e crenças sem medo de sofrer represália, Evitando que novos conflitos étnicos venham a acontecer nas esferas nacionais e internacionais.

¹¹ Movimento global com mais de 7 milhões de apoiadores, que realiza ações e campanhas para que os direitos humanos internacionalmente reconhecidos sejam respeitados e protegidos. Está presente em mais de 150 países.

Em outras palavras, proteger as pessoas da perda dos relacionamentos e valores tradicionais e da violência étnica.

4. Conclusão

Diante de todas essas transformações, fica evidente que a nova conceituação em relação à segurança foi extremamente necessária e assim como o sistema está passível a futuras alterações, pois cada uma delas pode trazer novas ameaças e mudar seu foco específico, assim como os Estados. Para esses essa conceituação necessita ser socializada e os novos atores nas relações internacionais precisam estar engajados com essa nova abordagem. Pois como argumentou o ex-secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, na Conferência sobre Segurança humana no ano de 2010:

Todos têm o direito de viver em liberdade, sem sentir medo, e de poder viver livres e com dignidade. Estas aspirações estão no centro da segurança humana e da nossa missão de construir um mundo melhor para todos.

(BAN KI-MOON, 2010)

As diferenças sociais e étnicas não podem se tornar discursos de ódio e de expurgo, os Estados precisam estar engajados e atentos para as suas diversidades étnicas, aptos a proteger seus cidadãos, junto com seus princípios e características diversas, contra qualquer antiga ou nova ameaça. As organizações internacionais precisam perceber que um atentado pode significar a morte de toda uma estrutura social e étnica existente por anos. Reiterando que os indivíduos e os seus grupos precisam se sentir seguros para manter cada uma das suas especificações; pois os Estados são e sempre serão geridos e formados pelos mesmos.

O conceito de segurança necessita ser discutido e abordado com mais força nas instituições e essa discussão precisa levar em consideração cada condição humana presente na sociedade. Pois a segurança antes de ser do Estado, é para os seus indivíduos e as suas especificações. Os mesmos devem se sentir livres para expressar suas culturas e crenças sem o medo de sofrer represália.

Bibliografia

BUZAN, Barry. People, States and Fear (1983); Copenhagen School of security studies.

OLIVEIRA, Ariana Bazzano. Segurança humana: avanços e desafios na política internacional. (2011), Campinas, UNICAMP.

CASTELLS, Manuel. O Poder Da Identidade A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 2, Paz Terra, São Paulo (1999).

ANISTIA INTERNACIONAL - Relatório MDE 14/11/2014. Disponível em:
<https://anistia.org.br/direitos-humanos/publicacoes/iraque-limpeza-etnica-em-escala-historica/>

GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrolé, Record, Rio de Janeiro (1998).

DADOS DOS CONFLITOS ÉTNICOS. Disponíveis em:
<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/grupos-indigenas-extintos.html>

Rwanda's Untold Story Documentary - <https://vimeo.com/107867605>

<http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v15n4>

NOGUEIRA, P. João; MESSARI, Nizar. Teoria das relações internacionais, Corrente e Debates (2005).

SEGURANÇA HUMANA, PNUD. Disponível em: <http://www.br.undp.org> - <http://www.ds.brasil.nom.br/seguran%c3%87a%20humana%20direitos%20humanos%20e%20dignidade.htm> - <https://www.unric.org/pt/desenvolvimento-social/28736-seguranca-humana-deve-estar-no-centro-da-accao-da-onu-segundo-ban-ki-moon>.
<http://euroogle.com/dicionario.asp?definicao=1014>

CORDEIRO, Claudia Carola Rios. Evolução do conceito de Segurança nas Relações Internacionais: uma análise das políticas de Segurança Alimentar Caso Bolívia. (2013) São Paulo, USP.

WILLIAMS, Paul. Security Studies: An Introduction, Paul Williams, EUA (2007).